

Os debates sobre corporativismo nas páginas integralistas de *A Offensiva*: o comunismo como fator de desintegração nacional (1934-1935)

Júlio Bueno Rosa Neto*

1

Resumo

O período do entreguerras ficou marcado pela crise do liberalismo e pelo avanço das ideias socialistas no continente americano. Nesse contexto, o corporativismo emergiu como uma solução da questão social nos países latino-americanos. No Brasil, o corporativismo foi amplamente discutido nos periódicos de diferentes movimentos políticos de extrema-direita, entre eles a Ação Integralista Brasileira (AIB). Este artigo pretende analisar o anticomunismo presente na formulação do projeto corporativista e do pensamento do Estado Integral na visão dos colaboradores integralistas nas páginas de *A Offensiva* (RJ), o jornal de maior circulação nacional da AIB durante os anos 1930. Desse modo, o artigo tem o intuito de investigar a corrente fascista do corporativismo no Integralismo Brasileiro vinculada a Miguel Reale, objetivando apontar o comunismo como o seu principal inimigo e promotor de uma desintegração da unidade nacional harmoniosa e homogênea. Para analisar os desdobramentos a respeito do projeto corporativista, do anticomunismo declarado no jornal e a relação da AIB com os trabalhadores, utilizarei os números do jornal *A Offensiva* publicados entre 1934 e 1935, privilegiando a investigação de sua seção sindical, *Proletariado*.

Palavras-chave: Ação Integralista Brasileira; Corporativismo; Anticomunismo; *A Offensiva*; Trabalhadores.

Abstract

The interwars period was marked by crisis of liberalism and growth in socialist ideas at American continent. In this context, corporatism emerged as a solution to the social issue in Latin America. In Brazil, corporatism was too discussed in periodicals of extreme right different movements, among them Brazilian Integralist Action (AIB in portuguese). This article pretend analyse the anticomunism into corporativist project build and Integral State's thinking at vision integralist collaborators of *A Offensiva* (RJ), the most famous periodical of AIB during 1930's. Thus, also inquire fascist strand of corporatismo at Brazilian Integralism linked to Miguel Reale, who apointed comunism like your main enemie and like promote disintegration in homogeneous and harmonical nacional unity. To discuss corporativist project developments, anticomunism showed at periodical and relation between AIB with workers, it will used the editions from "The Offensive" publied during 1934 until 1935, focusing their sindical section, *Proletariado*.

Keywords: Brazilian Integralist Action; Corporatism; Anticomunism; The Offensive; Workers.

* Mestrando pela Programa de Pós-Graduação em História da UNIFESP.

Introdução

No último 07 de outubro, completou-se 88 anos do episódio que ficou conhecido na História como Batalha da Praça da Sé. Esse evento marcava a comemoração de dois anos do aniversário de lançamento do documento-base do Integralismo Brasileiro; *Manifesto de 07 de Outubro de 1932* da Ação Integralista Brasileira (AIB), na qual os camisas-verdes tiveram sua celebração, na região central da cidade de São Paulo, impedida por grupos de viés antifascista (RAMOS, 2019, p. 54), incluindo organizações anarquistas; socialistas; comunistas e sindicalistas.

Logo no início do manifesto integralista, redigido e lido pela primeira vez no Teatro Municipal de São Paulo por Plínio Salgado, foi apontado que a crise nacional que vivia o Brasil nos anos 1930 foi agravada, de forma gradativa, pelas agitações das forças comunistas; desagregadoras da Nação, como é possível observar no seguinte excerto:

A crise nacional agrava-se gradualmente, surgem focos de agitação e de desagregação; alinhavam-se partidos sem sentido nacional e filosófico, a permissividade corroe a sociedade, a lama internacional espalha-se pelo Brasil num neocolonialismo sutil e desmoralizante. E no mundo o capitalismo [internacional] apodece no comunismo e na espoliação enquanto o imperialismo soviético avança, o esquerdismo torna-se moda e o marxismo infiltra até a nossa religião¹.

Tendo em vista o documento-base da AIB, pode-se perceber que este movimento, que no futuro tornou-se um partido político, após o II Congresso Nacional Integralista; sediado na cidade de Petrópolis no Rio de Janeiro em 1935, elegeu oficialmente o seu principal inimigo após a sua fundação². Em um artigo intitulado *Perante o Tribunal da História*, escrito no dia 24 de abril de 1936, Plínio Salgado evidencia o enfrentamento ao comunismo enquanto estratégia política para enfraquecimento de seu avanço no país:

Informo ainda aos historiadores do Futuro que o nosso programma está contido nos Estatutos com que nos registrámos como partido politico nacional. Informo que temos cooperado com o Chefe de Policia da Capital da Republica, com os commandantes de regiões militares e delegados de policia de todo o paiz, na manutenção da ordem, todas as vezes em que os communistas ameaçam dar golpes. Informo que tenho tido entendimentos pessoaes com varios commandantes de regiões militares, ora para combinar acção conjunta na repressão do communismo, ora para receber agradecimentos por serviços que os integralistas têm prestado á sustentação das autoridades da Republica. Informo ainda ao historiador que, na Bahia, onde estamos sendo perseguidos, nossa actuação foi efficientissima, contribuindo para evitar o surto bolchevista em

¹ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Manifesto de 07 de Outubro de 1932*, 1932, p. 4.

² A Ação Integralista Brasileira (AIB) teve a sua origem oficialmente aprovada enquanto uma comissão da Sociedade de Estudos Políticos (SEP), composta majoritariamente por intelectuais e estudantes ligados à Faculdade de Direito de São Paulo, após a sua reunião realizada em 06 de maio de 1932, no prédio em que funcionava o Clube Português de São Paulo, localizado no Vale do Anhangabaú.

novembro. Informo que o mesmo se deu no Paraná e em Minas Geraes. Informo que posso provar isso no momento que for necessario. Informo que telegrapei ao presidente da Republica em novembro, offerecendo-lhe cem mil homens para a defesa do Governo³.

O trecho em questão nos revela a oferta de Salgado em conceder o apoio de cem mil homens da milícia integralista com o intuito de auxiliar o governo federal do presidente Getúlio Vargas no combate à Revolta Comunista de 1935, marcante à fase, segundo Rodrigo Patto Sá Motta (2002, p. 1), os “primórdios do anticomunismo no Brasil”. Essa revolta ocorrida em 27 de novembro, organizada pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), apoiada por elementos civis, principalmente militares, implementou uma insurreição contrária à Vargas em Natal, Recife e Rio de Janeiro, que rapidamente foi dominada pelas tropas das forças armadas, fiéis ao governo (MOTTA, 2002, p. 183-188).

De acordo com Gilberto Calil: “[...] o apoio militar Integralista não era necessário e certamente não interessava a Vargas, uma vez que o tornaria refém do Integralismo” (GALIL, 2010, p. 67). Embora a parceria com o governo federal não tenha se firmado, era nítido que o programa integralista compartilhava de um aspecto semelhante ao anticomunismo presente no projeto nacional varguista.

O programa de Estado Integral da AIB era baseado no corporativismo, apesar dessa doutrina político-econômica ter marcado o período do entreguerras, principalmente na Europa, ela ganhou novos sentidos e espaços em diferentes contextos sociopolíticos e econômicos até a sua fase moderna. O corporativismo moderno é um dos temas mais intrigantes do século XX, a ponto de ser definido por vários estudiosos italianos como um fenômeno “*epocale*”, isto é: marcante profundamente à uma época, até mais do que o fascismo (TOLEDO, 2021, p. 130). Mihail Manoilescu; (1938, p. 8), afirma que o século XX seria o século do corporativismo, assim como o século XIX havia sido do liberalismo.

Com o advento da crise do liberalismo, em 1929 o contexto dos anos de 1930 ficou grifado no Brasil por uma incerteza política (GOMES, 2010, pp. 39-41), em meio aos diversos projetos nacionais, e alternativas políticas, que colidiam em razão de suas divergências. Esse embate permitiu a fortificação de matizes antiliberais, e direitas no país, uma vez que o regime republicano selado pela Constituição de 1891 havia fracassado. Deste modo, a solução comum entre esses vários projetos adviria da discussão de que Estado fosse mais intervencionista na economia e no setor da produção. Em contraposição aos projetos vinculados ao liberalismo e ao comunismo no Brasil, o Integralismo Brasileiro surgiu como uma possível alternativa político-econômica aos seus rivais.

³ SALGADO, Plínio. Perante o Tribunal da História. In: SALGADO, Plínio (org.). *Páginas de combate*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1937, p. 58-59.

A discussão a respeito do corporativismo no interior da AIB não pode ser vista como o resultado de uma organização política de “origens doutrinárias uniformes e monolíticas” (GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2019, p. 210), ainda que a voz orientadora do movimento tenha sido o chefe integralista, Plínio Salgado. Índícios disso são os momentos de conflito; descontentamentos dos dirigentes integralistas com a posição adotada por Salgado em relação aos trabalhadores e ao modelo corporativo a ser aplicado pela organização.

Dentre esses dirigentes integralistas, pode-se destacar os seguintes: Jeová Mota⁴ e Miguel Reale⁵. O nordestino Motta se desvinculou da AIB em junho de 1937, uma vez que se desiluiu fortemente com a “falta de contato do integralismo com os trabalhadores”, o seu caráter “pequeno burguês” e com suas perspectivas “revolucionárias limitadas”, pois, em sua visão, o “esforço nacional em direção aos operários e trabalhadores foi abandonado” (BERTONHA, 2018, pp. 187-188).

No que tange ao caso Reale, seu conflito com Salgado precede-se em razão à autonomia que o seu pensamento acerca do modelo corporativista estava tomando durante os anos 1930, já que a sua intenção principal era propor a salvação dos “operários dos males do mundo moderno, mas integrá-los na comunidade nacional através dos sindicatos” (BERTONHA, 2018, p. 188). Isso causou a Reale sua remoção temporária do primeiro escalão dirigente da AIB, realizada pela direção nacional do *Sigma*.

Pretende-se aqui investigar a corrente do corporativismo integralista vinculada a Miguel Reale, que apresentava uma maior ênfase nas questões sindicais e no destino do proletariado no interior dessa doutrina político-econômica, entre 1934 e 1935, com o intuito de apontar o comunismo como o seu principal inimigo e obstáculo para a criação de uma unidade nacional harmoniosa e homogênea. Para isso, analisar-se-á a visão da elite letrada da AIB, presente na sua

⁴ Jeovah Motta foi um cearense, nascido em 12 de fevereiro de 1907. Filho de dona Rita Machado Motta e Clodoaldo Motta, e sobrinho de Capistrano de Abreu. Foi designado pelas forças armadas para servir no 11º Regimento de Infantaria em São João del Rey em Minas Gerais e depois, em 1929, no 23º Batalhão de Caçadores no Ceará, onde se aproximou do padre Helder Câmara e do tenente oficial Severino Sombra. Devido a essa aproximação, Motta iria ajudá-lo a construir em 1931 a Legião Cearense do Trabalho (LCT), que viria a ser convidada a se incorporar à AIB depois de 1932. Quando cursou a Escola do Estado-Maior do Exército em 1933 foi promovido a patente de capitão e foi eleito para deputado na Assembleia Nacional Constituinte. Em 1934-1935, inicia o seu trabalho como colaborador no periódico *A Offensiva* (RJ). No ano de 1935, fundou o primeiro grupo profissional integralista (os bancários do RJ). No ano seguinte, Motta organizou o primeiro curso de organização trabalhista do movimento e o primeiro congresso sindical da AIB, além de ter recebido a promoção interna para ser o diretor do Serviço Sindical Corporativo da AIB, que viria a se desligar em 1937.

⁵ Nascido em 6 de novembro de 1910, na cidade de São Bento do Sapucaí, Miguel Reale era filho do ex-oficial médico do exército italiano Brás Giordano Reale e da dona Felicidade Vieira da Rosa Góis Chiaradia Reale. Formou-se no curso de Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, no Largo São Francisco. Na AIB, ocupou o cargo de secretário nacional de doutrina e diretor da revista *Panorama* e do jornal *Ação* (SP), além de ser um colunista frequente nas páginas de *A Offensiva* (RJ). Ele se desligou da AIB em 1943 após aceitar o convite de Getúlio Vargas para compor um cargo no Departamento Administrativo do Estado de São Paulo durante o regime do Estado Novo. Foi autor de diversos livros, entre eles *ABC do Integralismo* (1933) e *O Estado Moderno* (1934).

primeira fase entre 1934 e 1935 do jornal *A Offensiva* (RJ) (SIMÕES, 2011, p. 51), e de seus outros colaboradores, em sua seção sindical denominada *Proletariado*.

A AIB, a primeira fase do jornal *A Offensiva* e a sua seção sindical

5

“Não se trata de ofensiva contra um partido, contra um governo, contra uma classe: trata-se de uma Offensiva contra uma civilização”⁶.

A epígrafe acima encontra-se no primeiro artigo publicado da primeira edição do jornal *A Offensiva*, impresso no Rio de Janeiro, no dia 17 de maio de 1934. Nesse artigo intitulado *Revolução Integralista*, Plínio Salgado demonstra que a Ação Integralista Brasileira (AIB) tinha como propósito a realização de uma ofensiva contra a então conhecida “civilização brasileira” com o intuito de elaborar uma nova etapa da humanidade, a *integralista*; que seria melhor detalhada em sua obra *Quarta Humanidade* (1934).

De acordo com Jefferson Rodrigues Barbosa (2011), a humanidade integralista para Salgado iria surgir pela constituição de um Estado Integral, que não seria regido, em totalidade, “pelo princípio da soberania popular e pelo sufrágio universal, segundo os moldes da liberal-democracia”, como pela “luta de classes fomentada pelos comunistas” (BARBOSA, 2011, p. 45). Desse modo, o Integralismo Brasileiro encontra no corporativismo moderno o que Mihail Manoilescu denominou de “alternativa do século” (MANOILESCU, 1938) ao comunismo e à democracia-liberal, na qual o “Estado encontra uma resposta sistemática, anti-individualista, anticontratuálista e não revolucionária para a questão social” (GARRIDO, 2016, p. 394), no país.

O Estado Integral e as diferentes correntes do pensamento corporativista, no interior da AIB, foram temáticas frequentemente abordadas nas páginas de *A Offensiva*, durante sua primeira fase. Segundo Renata Duarte Simões (2011), em seu estudo a respeito do ciclo vital desse impresso, a fase inicial de *A Offensiva*, consiste entre o nº 1, de 17 de maio de 1934, ao nº 89, de 25 de janeiro de 1936, “marcada pela tiragem semanal do jornal e demonstra a preocupação doutrinária que se expressava nos primeiros anos” (SIMÕES, 2011, p. 51), de sua publicação.

O periódico *A Offensiva* ao todo publicou 748 edições e teve “o maior número de tiragens e de distribuição nacional dos jornais impressos integralistas” (SIMÕES; GONÇALVES, 2011, p. 97) conectados ao maior consórcio jornalístico da América do Sul, na época, o *Sigma - Jornaes Reunidos*⁷. Este impresso circulou até o dia 13 de março de 1938, poucos dias após a data em que

⁶ SALGADO, Plínio. *Revolução Integralista*. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 17 maio 1934, p. 1.

⁷ SIGMA - JORNAES - REUNIDOS: 88 jornaes conjugados no maior consórcio jornalístico da América do Sul. *A Offensiva*. Rio de Janeiro. ano II, n. 73, 05 out. 1935, p. 6.

ocorreu a primeira tentativa, fracassada, de *Levante Integralista* no Rio de Janeiro (CALIL, 2010). A partir disso, é possível mensurar que esse periódico “pode ser considerado como um jornal integralista que acompanhou, em grande parte, a trajetória do movimento dos camisas-verdes no Brasil” (CARNEIRO; KOSSOY, 2003, p. 82).

A circulação desse impresso ocorreu “comprovadamente, em todo o Paiz”⁸ e também ultrapassou as fronteiras do território brasileiro. A Prova disso é a correspondência do diretor Juan Emiliano Carulla do impresso *Bandera Argentina*, sediado no endereço Tucumán, n° 669, em Buenos Aires, para a sede do jornal *A Offensiva* no Rio de Janeiro. Nesta carta, ele se queixa por não ter recebido as edições do impresso carioca durante um período de dois meses e, neste caso, estava solicitando o restabelecimento da troca de exemplares entre as redações, conforme pode ser observado a seguir:

Estimado senõr: Me permito molestar sua atención para solicitarle quiera tener la gentileza de disponer que se nos remita en canje el diario "A Offensiva" vocero del movimiento de sua digna dirección. Dicho canje con 'Bandera Argentina' ya existía, pero desde hace unos dos meses no recibimos A Offensiva y como por las ideas que sustenta, similares a las nuestras, es que le rogamos restablecer dicho canje (...) Agradeciéndole desde ya las molestias que le ocasione, reciba los respectos de sua camarada de ideas y S. S., Juan E. Carulla⁹

O endereço da redação e administração de *A Offensiva* sofreu alterações conforme o passar do tempo até se fixar na Rua Quitanda, n. 51, na Província de Guanabara, onde haviam organizado uma oficina gráfica própria ¹⁰“sob direcção competente de um dos maiores technicos da materia no Brasil, sr. Nilton Gasparini, chefe de nossas officinas”¹¹. Antes da sede do jornal conquistar seu logradouro permanente, *A Offensiva* era impressa nas oficinas gráficas do periódico *Diário de Notícias* (SIMÕES, 2011, p. 52) e ocupava, em sua maioria, entre oito ou doze páginas por edição, tendo a empresa *Cia. Finlandeza*, que ficava localizada no décimo terceiro andar do prédio da Praça Mauá, n. 7, no Rio de Janeiro, como fornecedora de papel para a confecção dos exemplares do jornal¹².

A aquisição de equipamentos, a montagem de uma oficina gráfica completa e o seu lançamento, a partir do n. 90, como um jornal diário matutino de grande circulação nacional somente foi possível devido a captação de recursos financeiros realizados pela Sociedade Anônima denominada de *Excelsior S. A.*, editora de *A Offensiva*, tendo o integralista dr. Belmiro Valverde como seu diretor-tesoureiro¹³. A *Excelsior S. A.*, com capital social de mil contos de réis, lançou o

⁸ AGITAÇÕES ENTRE OS BARBEIROS. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 25, 1 nov. 1934, p. 6. Proletariado.

⁹ CARULLA, Juan E. *Bandera Argentina: Diario Nacionalista*. Bueno Aires, 3 abr. 1937. Secretaria Nacional de Relações com o Exterior.

¹⁰ *A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, n. 89, 25 jan. 1936, p. 1.

¹¹ *A OFFENSIVA DIARIA*. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 88, 18 jan. 1936, p. 10.

¹² *A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, n. 61, 13 jul. 1935, p. 8.

¹³ *A OFFENSIVA DIARIA*. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 88, 18 jan. 1936, p. 10.

valor total de quinhentos contos de réis em ações nominativas de duzentos contos de réis cada para venda em oferta pública, de modo que 60% dessas ações foram compradas em um curto espaço de tempo, conforme é possível observar no trecho a seguir retirado do periódico:

Para a realização dessa grande iniciativa, que vem collocar a ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, no nível real da sua nobre finalidade, organizou-se uma Sociedade Anonyma - EXCELSIOR A. A. - com o capital de MIL CONTOS DE RÉIS [...] Tendo sido lançadas à venda acções da nossa empresa, no valor total de quinhentos contos de réis, acções nominativas de dozentos mil réis, cada, é com justo desvanecimento que noticiamos a magnifica acolhida que a população dessa Capital esta dispensando á Excelsior S. A., pois já foram cobertos mais de trezentos contos numa espontaneidade de procura que vem demonstrar o merecido prestigio que conquistou o nosso jornal pela rectidão da sua conctuda e pela pureza das idéas que encarna e dissemina. Apesar do pequeno espaço de tempo de circulação da notícia da venda das acções da Excelsior S. A., editora da A Offensiva diaria, de varias Provincias começam a chegar pedidos de compra das referidas acções, o que prova a felicidade da idéa do lançamento do grande matutino, que virá ser o defensor dos interesses do Brasil e a voz forte e vibrante que se levantará em pról de todas as causas que contribuam para o progresso e a elevação moral de nossa patria. As pessoas do interior do Brasil que desejem subscrever acções da Excelsior S. A., editora da A Offensiva diaria, acções de duzentos mil réis cada, poderão endereçar as importâncias respectivas ao dr. Belmiro Valverde, director-thesoureiro da referida Sociedade, á rua da Quitanda, 51¹⁴.

Com as novas demandas da vida urbana nas primeiras décadas do século XX, segundo Tania Regina de Luca (2011, p. 123), houve um crescimento da necessidade de comunicação entre o produto e o seu público. Isso impulsionou o fato da publicidade ter se tornado a principal fonte de recursos financeiros dos impressos desse momento (DE LUCA, 2011, p. 123), inclusive de *A Offensiva*. Neste jornal, a propaganda era vista como “um meio comercial de divulgação e indução ao uso de um produto, sendo ele (o produto) ou não integralista, prestando-se ao leitor militante ou, de um modo mais abrangente, mas também bastante empreendido, a todos os leitores do jornal” (SIMÕES; GONÇALVES, 2011, p. 98), homens e mulheres.

Ao observar as propagandas em *A Offensiva*, é possível identificar uma nítida intenção estratégica de vincular os serviços e produtos relacionados aos membros da AIB com a própria organização. Isso “era uma forma de conferir confiabilidade ao produto e de torná-lo preferência entre os outros” (SIMÕES; GONÇALVES, 2011, p. 100). Mesmo que houvesse a prática dessa estratégia por parte do conselho editorial do jornal, “as propagandas de produtos não integralistas aparecem em número muito superior ao das propagandas sobre livros, uniformes, distintivos, cursos, ou qualquer outro produto que tenha relação com o movimento” (SIMÕES; GONÇALVES, 2011, p. 100).

¹⁴ A OFFENSIVA DIÀRIA. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 88, 18 jan. 1936, p. 10.

Nas edições de *A Offensiva*, era comum a redação do jornal evidenciar a importância de ampliar o seu número de assinaturas do jornal, conforme a seguir: “dever de todo integralista assignar e conseguir novos assignantes”¹⁵. Com isso, a administração de *A Offensiva* poderia anunciar para mais pessoas que se tivessem de comprar um produto ou solicitar um serviço era para antecipadamente lembrar “das casas que anunciam em *A Offensiva*”¹⁶. Essa tática tinha como propósito fazer com que o anunciante do produto ou serviço tenha convicção de que o anúncio chegou ao comprador por intermédio do impresso, o que garantiria “um retorno ao investimento na propaganda” (SIMÕES; GONÇALVES, 2011, p. 100).

Fica nítido que a propaganda nas páginas de *A Offensiva* foi vital para a sobrevivência e ampliação da estrutura física e organizativa do jornal. Entretanto, ela não foi a sua única fonte de renda. Entre as demais, destacamos a venda de suas edições avulsas pelo valor de 200 réis cada e de suas coleções completas do periódico pela quantia de 40 mil réis¹⁷, além de diferentes planos de assinaturas para compra dos exemplares de *A Offensiva*. Com o advento da aquisição da própria oficina gráfica, a administração fixou os preços dos planos em: assinatura anual (diariamente) por 60 mil réis; assinatura semestral (diariamente) por 35 mil réis; assinatura anual (só aos domingos) por 15 mil réis; assinatura do semestre (só aos domingos) por 8 mil réis¹⁸.

Outra importante mudança que ocorreu em *A Offensiva* foi a troca na sua direção administrativa, na qual havia Plínio Salgado como o seu diretor. A partir do n. 53, de 18 de maio de 1935, o periódico anunciava em sua primeira página que *A Offensiva* estaria sob a “orientação de Plínio Salgado”. Essa modificação provocou uma reestruturação no interior do jornal, ocorrendo as seguintes alterações nas ocupações dos cargos na composição diretiva do impresso: diretor, Madeira de Freitas; redator-chefe, Martins Moreira; secretário, Hélio Vianna; gerente, F. Cassiano Gomes¹⁹. De acordo com Rodrigo Santos de Oliveira, a partir disso, *A Offensiva* passaria a atuar como um órgão oficial da AIB, tornando-se “a voz oficial do líder” (OLIVEIRA, 2011, p. 32) e o “principal portal de transmissão da doutrina integralista” (OLIVEIRA, 2011, p. 31).

Em sua linha editorial, *A Offensiva* apresentava notícias relacionadas aos fatos da vida cotidiana, da cultura, das artes, dos esportes, da higiene e saúde, do comportamento, de países estrangeiros e dos mundos do trabalho, assim como artigos escritos por colaboradores especiais e pela elite intelectual da AIB. Para Plínio Salgado, o papel fundamental dessa elite intelectual era justamente guiar ou tutelar o povo para a “verdadeira” doutrina que forjaria os caminhos da

¹⁵ *A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, n. 86, 04 jan. 1936c p. 3.

¹⁶ *A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, n. 83, 14 dez. 1935, p. 4.

¹⁷ COLLEÇÕES DE *A OFFENSIVA*. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 86, 4 jan. 1936, p. 9.

¹⁸ REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 78, 09 nov. 1935, p. 12.

¹⁹ REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 54, 25 maio 1935, p. 12.

construção da *humanidade integralista*, conforme aponta o excerto a seguir: “A mobilização de pensadores, estudiosos, intelectuais, é condição fundamental do êxito desta campanha. São eles que devem transmitir ao povo o conceito sereno de verdade”²⁰.

Com as diversas modificações supracitadas, a estrutura, a organização e as disposições internas do jornal *A Offensiva* demonstraram momentos de oscilação nessa primeira fase do periódico. Todavia houve um esforço em manter um padrão estável em suas publicações, nem todas as seções do jornal possuíam uma regularidade ou espaço definido no corpo físico das edições impressas. De acordo com Simões, o que mais contribuiu para a “ruptura na disposição das seções” foram “os grandes acontecimentos que marcam todo o jornal, ou seja, as alterações expressivas se dão pelas mudanças da primeira para a segunda e da segunda para a terceira fase” (SIMÕES, 2011, p. 66).

Apesar de *A Offensiva* apresentar diferentes seções com variadas temáticas, neste artigo irei analisar apenas a sua seção sindical em sua primeira fase, o *Proletariado*, um espaço dedicado à comunicação da militância integralista com os trabalhadores e as discussões a respeito das ideias do corporativismo integral como uma solução para a *questão social* no período²¹. Na maioria dos artigos presentes nesta seção, os inimigos do *Sigma* são enumerados e combatidos por seus colaboradores, que apresentam o comunismo como um promotor da desintegração da unidade nacional para eles.

Em *Proletariado*, o Integralismo Brasileiro é marcado por uma oposição ao governo de Getúlio Vargas, considerado adepto do liberalismo, e aos seus adversários políticos, como comunistas, socialistas, anarquistas e sindicalistas revolucionários, compreendidos enquanto obstáculos para a formação do Estado Integral. Na corrente de pensamento integralista presente nesta seção, o corporativismo integral tratado muito se aproxima da produção de Miguel Reale, reunida em três volumes na coleção intitulada *Obras Políticas* (1983). Entre a sua produção, pode-se destacar as obras *ABC do Integralismo* (1933) e *O Estado Moderno* (1934). Isso demonstra a tarefa que os jornais integralistas tinham em popularizar as ideias contidas nos livros produzidos pela elite intelectual da organização tendo em vista o público leitor mais amplo (BARBOSA, 2011, p. 48).

Para os colaboradores integralistas desta seção sindical, o sistema econômico capitalista e de representação política deveriam passar por uma reforma integral em sua concepção de totalidade. De outra maneira, não seria possível promover mudanças significativas no que se refere

²⁰ SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1934.

²¹ CHALOCHE, Pierre. As Corporações Modernas. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 13, 09 ago. 1934, p. 6. Proletariado.

à *questão social* e a vida dos trabalhadores no Brasil. O excerto abaixo de Reale evidencia essa posição majoritária em *Proletariado*:

Sem a reforma integral do sistema econômico capitalista, sem a equivalência da produtividade do capital e da produtividade do trabalho, sem controle rigoroso sobre o sistema de crédito, sem poderes políticos reconhecidos às organizações profissionais, sem libertação da economia nacional das garras do agiotarismo sem pátria, sem a criação de cooperativas completando a rede sindical-corporativa, sem que se substitua o contrato individual que oprime pelo contrato coletivo que liberta, sem que desapareçam os exploradores que lançam a divisão entre os proletários, a situação destes não sofrerá alteração de monta²².

Na tabela abaixo, é possível observar que esta seção aparece em 62,2% das primeiras oitenta e duas edições da primeira fase do jornal. Embora as edições entre o n. 83, de 14 de dezembro de 1935, e 89, de 25 de janeiro de 1936, fizessem parte da fase inicial de *A Offensiva*, não foram contabilizadas na tabela por aparecerem no momento em que a seção sindical se torna a *Página Syndical*. Foi no decorrer das edições de 1936 que acontece o período de amadurecimento do sindicalismo na AIB, uma vez que a *Página Syndical* demonstra o empenho organizado à entrada dos integralistas no interior dos sindicatos e associações de classe, além do processo paralelo de criação de grupos profissionais integralistas com o intuito de disputar os trabalhadores com as outras forças políticas²³.

Tabela 1 - Número de edições que a seção Proletariado aparece na primeira fase de *A Offensiva*

Proletariado	Número de edições	%
Consta	51	62, 2
Não consta	31	37, 8
TOTAL	82	100

Fonte: Elaborada pelo autor

A seção *Proletariado* exibe em destaque colunas centrais no espaço que ocupava na página em questão com matérias e artigos de opinião. Junto a essas colunas, havia pequenos artigos ou matérias, acompanhados de anúncios de propagandas (destinados tanto aos homens como às mulheres). Também se encontravam presentes textos de reivindicação que tratavam a respeito do

²² REALE, Miguel. Legislação Social. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 5, 14 jun. 1934, p. 7. Proletariado.

²³ A *OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, n. 87, 11 jan. 1936, p. 7. Página Syndical.

descumprimento de direitos trabalhistas²⁴ ou de negociações entre os trabalhadores e o patronato, além da atuação do governo federal enquanto intermediador de conflitos interclasses²⁵.

Nestas colunas centrais da seção, dois colaboradores intelectuais do Integralismo Brasileiro, Miguel Reale e Zoroastro Ramos, tiveram frequentes contribuições entre os anos de 1934 e 1935. Outra figura que surgiu poucas vezes, mas que a sua participação pontual prometia ser estratégica para estabelecer laços de proximidade com os trabalhadores e o seu vivido social no período foi do integralista operário da *Light*, Alfredo Peres. Este trabalhador foi convidado a contribuir na seção *Proletariado* no momento em que aconteceu um acirramento dos embates entre a AIB e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), dentro ou fora do movimento sindical, em 1935.

À vista disso, considero que os três citados são os principais responsáveis, durante a fase inicial do periódico, a respeito do teor político-doutrinário na seção sindical, assim como a visão de corporativismo integral, na tentativa de promover um diálogo entre *A Offensiva* e os seus leitores referentes às questões trabalhistas, sindicais e da vida social dos trabalhadores. Isso pode ser visualizado a seguir em um fragmento de um artigo que se encontra em *Proletariado*:

Toda a vida social do paiz precisa ser vasculhada por nós. Faremos os levantamentos, á custa do nosso esforço, e fincaremos os marcos objectivos da nossa jornada. Está mesmo na hora de começar o trabalho. O Brasil todo já anseia sob a nossa palavra renovadora, e todo elle já integra o nosso movimento. Os nossos marcos theoricos estão assentados, começando da idea philosophica, que irisou todas as outras idéas, a economica, a social, a politica. A téia já está armada e a concepção formada no cerebro da nossa gente. Cumpre que comecemos, já agora, a desdobrar os traços da construcção maravilhosa. Chegamos, assim, á hora dos inquietos. Destas columnas vamos iniciar uma série delles, orientados especialmente no sentido da questão operaria, que se processarão, ao mesmo tempo, em todo o território nacional, aonde quer que exista um núcleo integralista ou mesmo um camisa-verde. Que podemos contar com a dedicação dos milhões de soldados verdes, isso sabemos. Fazemos, hoje, esta annunciação, que é um toque de sentido. Talvez no proximo numero já publicaremos as normas que devem orientar o trabalho de todos, para dar-lhe um sentido de ordem, de unidade. Todos obedecerão rigorosamente a ellas, a obra é essencialmente ao Integralismo. Exige canceiras e sacrificios, mas o Integralismo, quando se trate de problemas profundamente brasileiros, nada se pode negar. Fizemos o juramento pela vida e pela morte. Vamos dar-lhe um sentido, sacrificando-nos no estabelecimento das paysagens reais da vida social

²⁴ Como exemplo, destaco a matéria intitulada *Agitações Entre Os Barbeiros* do n. 25, de 1 novembro de 1934, em que é relatado um movimento de barbeiros contra os seus patrões estrangeiros, que não estariam respeitando a lei municipal da localidade que não permitia que estabelecimentos funcionassem depois das 18h. O relato é encerrado dizendo que os barbeiros esperavam que seu sindicato pudesse interceder por eles e garantir seus direitos contra a exploração patronal. Ver em: AGITAÇÕES ENTRE OS BARBEIROS. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 25, 1 nov. 1934, p. 6. *Proletariado*.

²⁵ Com exemplo, destaco a matéria intitulada *A greve dos operarios da Fabrica de Bangú* do n. 24, de 25 de outubro de 1934, em que é relatado uma greve realizada no Rio de Janeiro e que não se chegou a uma solução mesmo a Junta de Conciliação ter enviado um ofício ao Ministério do Trabalho. Segundo o redator não identificado da matéria, a solução do impasse em favor dos operários da fábrica em Bangú por meio da conciliação de classes dependia do ministro Agamemnon de Magalhães. Ver em: A GREVE DOS OPERARIOS DA FABRICA DE BANGÚ. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 24, 25 out. 1934, p. 6. *Proletariado*.

do Brasil²⁶.

Outro conteúdo recorrente nesta seção são as solicitações de publicações de anúncios publicados. Boa parcela desses pedidos eram realizados pelo próprio sindicato de associações; ou membros; sobre reuniões de pautas, eleições internas, ou para delegados classistas, assim como para divulgação de novos núcleos profissionais integralistas ou de bons feitos integralistas aos trabalhadores. Um exemplo disso, foi o caso dos 25 operários nordestinos que migraram para São Paulo para trabalhar na lavoura do café na Paulicéia e, embora a promessa de trabalho garantido pela Inspetoria Regional do Ministério do Trabalho de Pernambuco, ficaram desempregados e perambulando pelo Rio de Janeiro²⁷. Logo, de acordo com o relato, filiados a AIB intervieram a favor desses migrantes e, devido “a boa vontade de um miliciano integralista”²⁸, conseguiram instalá-los em uma fazenda no Rio de Janeiro.

Tabela 2 - Sindicatos e Associações patronais e de trabalhadores presentes na seção *Proletariado* na primeira fase do jornal *A Offensiva*

Sindicatos e associações	Número de sindicatos e associações	%
Empregados	40	88,9
Patronais	5	11,1
TOTAL	45	100

Fonte: Elaborada pelo autor

No que tange aos vários anúncios feitos por sindicatos ou associações de trabalhadores ou seus membros em *Proletariado*, foi possível identificar e classificar 45 entidades de classes ao todo. De acordo com a tabela acima, a maioria absoluta de 88,9% dessas entidades eram vinculadas aos empregados. Contudo, apesar dos sindicatos ou associações de classe identificados comportarem apenas 11,1%, a presença dessas entidades patronais na seção evidencia o interesse dos colaboradores e redatores de *A Offensiva* em estabelecer uma aproximação também com os empregadores. Isso demonstra o compromisso dos escritores de *Proletariado* com o corporativismo moderno, uma vez que este foi “reinventado para promover a inibição política e social do potencial conflito entre “capital” e o “trabalho”” (GARRIDO, 2016, p. 393).

²⁶ RAMOS, Zoroastro. Mais Reparos Ao Manifesto Do Sindicato Dos Bancarios. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 50, 27 abr. 1935, p. 8. *Proletariado*.

²⁷ ASHAVERUS DO TRABALHO. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 54, 25 maio 1935, p. 4. *Proletariado*.

²⁸ ASHAVERUS DO TRABALHO. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 54, 25 maio 1935, p. 4. *Proletariado*.

Tendo como objetivo fazer a classificação dos quarenta sindicatos ou associações de trabalhadores identificados em *Proletariado*, a metodologia utilizada para isso foi agrupá-los em “tipologias profissionais” diferentes e, assim, descobrir a sua quantidade concreta. Conforme a tabela abaixo, foi possível observar que 55% do número total de sindicatos e associações de trabalhadores era composta de profissionais do ramo do serviço, acompanhados em seguida pelos trabalhadores da indústria, representados por 25% do todo, enquanto os profissionais liberais com 12,5% e os trabalhadores de comércio com 7,5%.

Tabela 3 - Tipologias Profissionais dos Sindicatos e Associações de trabalhadores presentes na seção *Proletariado* na primeira fase do jornal *A Offensiva*

Tipologia profissional	Número de cada tipologia	%
Trabalhadores dos serviços	22	55
Trabalhadores da indústria	10	25
Profissionais liberais	5	12,5
Trabalhadores do comércio	3	7,5
TOTAL	40	100

Fonte: Elaborada pelo autor

Outra interessante questão sobre esta seção é enumerar as categorias específicas que se encontram presentes em suas colunas no jornal. Entre elas, pode-se destacar os bancários, motoristas, farmacêuticos, enfermeiros, jornalistas, empregados de hotéis, restaurantes e congêneres e operários da indústria da construção civil. Em vista da presença de diversas categorias de trabalhadores e do público familiar, a redação de *A Offensiva* inseriu anúncios e outras seções vinculadas ao entretenimento e a vida social no espaço próximo da seção *Proletariado* como modo de atrair os olhares também para a sua leitura.

Anticomunismo e o corporativismo integralista no jornal *A Offensiva* (1934-1935)

O corporativismo se tornou, no decorrer da primeira metade do século XX, “um poderoso dispositivo ideológico e institucional contra a democracia liberal” (PINTO, 2014, p. 21), “tanto como uma nova forma de representação de interesses organizados, quanto como uma alternativa autoritária” ao modelo político-econômico vigente até então. No entanto, o corporativismo como “terceira via” não é uma contraposição apenas aos “sistemas, culturas, ideologias, práticas políticas e instituições que se reconheciam nos princípios do liberalismo e da democracia” (TOLEDO, 2021,

p. 145), mas também aos da “tradição socialista e da nova realidade soviética” (TOLEDO, 2021, p. 145) no pós-revolução de 1917.

Essa posição doutrinária político-econômica adotada pelos colaboradores da seção *Proletariado* pode ser vista desde o primeiro artigo publicado em suas colunas centrais denominado *Sindicalismo deturpado* (1934). Neste artigo, já fica evidente a proposta dos camisas-verdes envolvidos em construir o “syndicato integral, incorporado ao Estado, como sua cellula fundamental”²⁹ da unidade nacional em oposição a democracia-liberal e ao comunismo, conforme consta a seguir:

Contra o syndicato agência eleitoral e contra o syndicato instrumento do internacionalismo bolchevista, e que se ergue o proletariado integralista que deseja defender-se altivamente no seio da sua profissão organizada, sem a “curadoria” dos líderes que a Rússia ou o capitalismo subvencionam³⁰.

O colaborador intelectual norteador da discussão do corporativismo moderno nas páginas da seção sindical de *A Offensiva*, durante a sua fase inicial, foi Miguel Reale. Em seu artigo *O Corporativismo Integralista* (1935), ele irá definir de forma sintática o “corporativismo pregado pelo Integralismo” a sua visão. Baseado em sua obra denominada *ABC do Integralismo* (1933), Reale aponta que o corporativismo integralista seria mais completo (ou integral) em relação à experiência italiana, pois o poder seria legitimado apenas sobre bases corporativistas, como pode ser observado a seguir:

O CORPORATIVISMO pregado pelo Integralismo é mais completo que o fascista, pois não consideramos apenas as corporações economicas, mas tambem as corporações sociaes e culturaes da Nação, como as Igrejas, o Exercito, a Magistratura, as Sociedades das Sciencias e das Artes. De mais em mais, emquanto na Italia ainda subsistem um Senado de base não corporativa e um Conselho originado do Partido Fascista (fóra das corporações), nós integralistas proclamamos que só é legitimo o poder constituído sobre alicerces corporativos. As corporações, portanto, não serão, no Brasil, subordinadas a um poder politico de origem não corporativista: as proprias corporações serão o Estado³¹.

De acordo com Michael Hall (2002, p. 22), as primeiras leis sindicais no Brasil, embebidas ainda de elementos liberais, foram promulgadas a “conta-gotas” entre 1931 e 1934, o mesmo período em que o operariado organizado sofreu inúmeras prisões realizadas por policiais infiltrados nas fábricas e sindicatos (GOMES, 2005, p. 167), prejudicando as organizações revolucionárias e instaurando um temor entre os trabalhadores. Este contexto favoreceu a desradicalização de parte do operariado e o surgimento no país de movimentos de extrema-direita de cunho fascista como a AIB, apresentando o *mito do corporativismo* como alternativa ao sistema vigente da época,

²⁹ SYNDICALISMO DETURPADO. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 17 maio 1934, p. 7. Proletariado.

³⁰ SYNDICALISMO DETURPADO. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 17 maio 1934, p. 7. Proletariado.

³¹ REALE, Miguel. O Corporativismo Integralista. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 65, 10 ago. 1935, p. 1.

“isto é, a proposta de uma substituição radical da representação política, o que reeditava, em parte, o antiparlamentarismo e a antipolítica que estavam presentes em vários dos movimentos do período anterior, com a representação do mundo produtivo, do trabalho, parecia para alguns a resposta e a saída para uma sociedade que não podia mais se basear nos princípios liberais, mas que temia a solução socialista” (TOLEDO, 2021, p. 146-147).

No decorrer do ano de 1934, Miguel Reale foi o colaborador que mais publicou artigos assinados na seção *Proletariado* tratando a respeito do sindicalismo. Desde o início de suas intervenções na seção sindical, Reale se mostrou preocupado com a questão do pluralismo sindical presente na Constituição de 1934, que para ele possibilitou a instauração de uma “verdadeira ditadura no campo sindical”³² no Brasil pelos comunistas, segundo o seguinte trecho:

No Brasil, [...] estabeleceu-se uma verdadeira ditadura no campo sindical. Os 30 trabalhadores que, chegavam primeiro organizavam a classe e passavam a falar em nome dela. Quase sempre eram marxistas que tratavam mais de propaganda das próprias ideologias do que de garantir os direitos dos trabalhadores³³.

A definição de sindicato para ele seria “a sociedade que representa um grupo de homens que se dedicam ao mesmo officio”³⁴. Em contraposição ao sindicato de *funções facultativas*, Reale relata a sua preferência pelos sindicatos de *funções obrigatórias*, que seria o “syndicato tal como o concebe o Integralismo e tal como se acha(va) concretizado na Itália e em Portugal”³⁵. Entre as suas funções, ele destaca as seguintes: “a) a de tutelar os interesses econômicos e moraes dos sócios; b) a de realizar “effectivamente” obras de assistência social e de educação phisica, intellectual e moral; c) a de cooperação dentro da comunhão nacional”³⁶.

Para Miguel Reale, o legítimo sindicato seria aquele atrelado ao Estado, que deveria “cuidar dos interesses dos produtores no quadro da economia nacional”³⁷, e não permitir que essa entidade de classe se tornasse um “instrumento político de exploração internacional”³⁸ pelos comunistas. A solução para o que denominou de “ditadura dos trinta chegados primeiros”³⁹ era a unidade sindical, uma vez que não deveria existir conflitos entre a própria força de trabalho, como fica evidente a seguir:

Nós integralistas pregamos a unidade sindical, isto é, queremos um sindicato para cada profissão, porque não deve haver luta no seio de um dado setor da vida

³² REALE, Miguel. Legislação Social. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 5, 14 jun. 1934, p. 7. Proletariado.

³³ REALE, Miguel. O Corporativismo Integralista. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 65, 10 ago. 1935, p. 1.

³⁴ REALE, Miguel. O Corporativismo Integralista. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 65, 10 ago. 1935, p. 1.

³⁵ REALE, Miguel. Sindicato De Funções Obrigatorias. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 12, 02 ago 1934, p. 6. Proletariado.

³⁶ REALE, Miguel. Sindicato De Funções Obrigatorias. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 12, 02 ago 1934, p. 6. Proletariado.

³⁷ REALE, Miguel. Unidade Syndical. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, 07 jun. 1934, p. 7. Proletariado.

³⁸ REALE, Miguel. Unidade Syndical. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, 07 jun. 1934, p. 7. Proletariado.

³⁹ REALE, Miguel. Unidade Syndical. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, 07 jun. 1934, p. 7. Proletariado.

produtiva, pelo simples fato de que só p6de haver identidade de interesses entre aqueles que se dedicam 6s mesmas atividades⁴⁰ (REALE, 1934g, p. 7).

Portanto, no regime integralista, a unidade sindical iria garantir a unidade da na63o. Desse modo, seria imposto a obrigatoriedade do cumprimento de deveres e das fun63es supracitadas para o acesso aos direitos trabalhistas. Do contr63rio, o Estado Integral como representante da na63o n6o poderia conceder direitos, “a um grupo que se organizar para destruir a Na63o mediante a luta internacional de classes”⁴¹, ou seja, seriam retirados todos os direitos daqueles que promovessem a63oes que viriam a resultar na fragmenta63o da unidade nacional. Isso evidencia que a “integra63o do sindicalismo no Estado 6 a ideia central do corporativismo enquanto doutrina” (GARRIDO, 2016, p. 395).

Todavia, para ser poss6vel implementar esse regime no Brasil, Reale aponta que a solu63o da quest6o social n6o poderia ser parcial, ela deveria ser integral. Posto isto, para que houvesse a constitui63o do sindicato integral no pa6s, antes disso se impunha a necessidade preliminar de se promover uma “reforma do Estado”⁴², visando a forma63o de um Estado corporativo. Tendo em vista esses fatores assinalados, 6 not6vel que essa solu63o corporativista dada por ele contribuiria para marginaliza63o progressiva dos trabalhadores organizados e incit6-los ao constrangimento destes em consentir a for6a com os acordos formulados pelo Estado e patronato, assim como a “elimina63o do sindicalismo de classe aut6nomo e de destrui63o dos seus la6os de ideologia e movimento com os socialismos revolucion63rios” (GARRIDO, 2016, p. 398).

Em sua pesquisa a respeito do pensamento corporativo de Miguel Reale no jornal *A63o* (SP), Jo6o Fabio Bertonha afirmou, em rela63o a Reale, que “fica igualmente evidente e expl6cita a sua predile63o pelo fascismo italiano e, mais ainda, pelo corporativismo, [considerada a] chave para a solu63o dos problemas do mundo” (BERTONHA, 2013, p. 273). Em *A Offensiva*, essa chave surge, de modo expl6cito, no artigo *A Li63o da It6lia* (1934) de Miguel Reale, no qual manifesta a sua admira63o, de forma expl6cita, pelo fascismo italiano e de como a sua experi6ncia apresentava “provas magn6ficas da verdade contida na afirma63o fundamental do corporativismo: “As classes devem se desenvolver harmonicamente no seio da Na63o”⁴³.

Essa afirma63o citada por Reale indica como os “agitadores comunistas” eram os principais inimigos do projeto corporativista do Integralismo. Miguel Reale, em diversas oportunidades,

⁴⁰ REALE, Miguel. Unidade Syndical. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, 07 jun. 1934, p. 7. Proletariado.

⁴¹ REALE, Miguel. Sindicato De Fun63es Obrigatorias. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 12, 02 ago 1934, p. 6. Proletariado.

⁴² REALE, Miguel. A Nova Organiza63o Syndical. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 11, 26 jul. 1934, p. 6. Proletariado.

⁴³ REALE, Miguel. A Li63o da Italia. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 24, 25 out. 1934, p. 6. Proletariado.

promoveu a antagonização entre “amor pela classe” e “amor pela nação”⁴⁴, “em nome da classe” e “em nome da pátria”⁴⁵ ou “luta de classes” e “colaboração entre as classes”⁴⁶. Isso se deve a ele reconhecer no *Manifesto Comunista* (1848), de Karl Marx e Friedrich Engels, como uma referência para a organização dos trabalhadores, conforme o excerto a seguir demonstra:

Os últimos decennios do seculo passado foram agitados por discussões intermináveis sobre o sentido internacionalista das lutas proletárias. Toda a ideologia socialista, desde a publicação da obra fundamental de Marx, confundiu-se e identificou-se com a corrente marxista, que, aos poucos, invadiu o sector syndical norteando as reivindicações obreiras. Os protestos de fortes teorizadores não marxistas e de outras doutrinas poderosas contra a miserável situação do operariado no mundo capitalista, passaram para segundo plano chegou-se ao absurdo de identificar proletariado e marxismo, como se nada se houvesse pensado e escripto além de Marx⁴⁷.

Para Miguel Reale, a contribuição e repercussão que o entendimento de *luta de classes*, presente no manifesto de Marx e Engels, teve no Brasil como um motor revolucionário entre o operariado, acabou por gerar um entrave para a disseminação de estudos sobre as experiências corporativistas nos anos 1930 no país. Pois, segundo ele, havia um preconceito entre muitos brasileiros a respeito do corporativismo e da possibilidade de colaboração entre capital e trabalho vir a se concretizar no Brasil⁴⁸. Portanto, Reale compreendia que apenas um operário nacionalista estaria imune ao “vírus marxista”, que “agitadores estrangeiros e literatos de typo-cacau”⁴⁹ espalhavam nas grandes cidades brasileiras, sendo aquele que não abriria “mão do direito de ter uma família, uma pátria, uma religião”⁵⁰ ao invés de ser adepto do comunismo.

Em 1935, a Aliança Nacional Libertadora (ANL) tornou-se uma grande adversária política da AIB. Com o avanço da ANL nos sindicatos e associações de trabalhadores, os integralistas começaram a se organizar em grupos profissionais paralelos e a iniciar uma tática de adentrar aos sindicatos e associações de classes. Prova disso foi a mobilização realizada pelos integralistas do Núcleo Integralista Bancário, que acusavam o Sindicato dos Bancários de promover propaganda comunista, enquanto lembravam indignados do episódio em que um companheiro foi silenciado ao tentar discutir uma proposta de emenda de maior relevância no sindicato⁵¹. Isso revela a

⁴⁴ REALE, Miguel. Posição do Proletariado. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 17, 6 set. 1934, p. 6. Proletariado.

⁴⁵ REALE, Miguel. Posição do Proletariado. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 17, 6 set. 1934, p. 6. Proletariado.

⁴⁶ REALE, Miguel. A Lição da Italia. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 24, 25 out. 1934, p. 6. Proletariado.

⁴⁷ REALE, Miguel. A Grande Guerra E O Proletariado. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 20, 27 set. 1934, p. 6. Proletariado.

⁴⁸ REALE, Miguel. A Lição da Italia. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 24, 25 out. 1934, p. 6. Proletariado.

⁴⁹ REALE, Miguel. A Grande Guerra E O Proletariado. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 20, 27 set. 1934, p. 6. Proletariado.

⁵⁰ REALE, Miguel. A Grande Guerra E O Proletariado. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 20, 27 set. 1934, p. 6. Proletariado

⁵¹ O. C. Mais Depressa Se Apanha Um Mentiroso. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 51, 4 maio 1935, p. 8. Proletariado

existência de um conflito interno em um sindicato neste ano, tendo os camisas-verdes como seus provocadores.

O Manifesto publicado pelo Núcleo Integralista dos Bancários era carregado de elementos do corporativismo integralista pregado por Miguel Reale. Nele, pode-se observar a pregação de que a classe não deveria negar a nação e se posicionava contra o “perigo do comunismo”⁵², buscando despertar um “sólido e consciente espírito de classe”⁵³ ao invés da luta de classes e em “defesa de direitos e do desempenho de deveres”⁵⁴. A seguir, os pontos fundamentais do estatuto do Núcleo Integralista dos Bancários para a construção de tal corporativismo:

[...] São os seguintes os pontos fundamentaes orientadores de nossas actividades para os quaes pedimos o assentimento e o apoio de todos os bancarios do Brasil:
I - Nacionalismo. Combate ao “Marxismo” negador da Nação Brasileira. Combate a todo regionalismo enfraquece dor da Nação. Combate ao capitalismo sem Patria dos judeus internacionaes.
II - Anti-liberalismo. Combate ao regimen burguez de exploração do trabalho pelo capital. Combate ao sentido materialista da vida.
III - Campanha por um Brasil Corporativo.
IV - Unidade Syndical. Combate a toda tentativa de pluralidade syndical.
V - Creação da Federação dos Sindicatos de Bancarios do Brasil.
VI - Manutenção do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Bancarios.
VII - Fiscalização das Leis Trabalhistas.
VIII - Justiça do Trabalho rapida, efficiente e liberta de influencias estranhas.
IX - Fixação de Salario Minimo que attenda ás necessidades decorrentes do actual custo da vida.
X - Creação de Cursos de Cultura e de Aperfeiçoamento Technico-Profissional para os bancarios. BANCARIOS DO BRASIL!
[...] *Do Nucleo Integralista de Bancarios*. Rio de Janeiro, março de 1935 ⁵⁵.

No artigo *Mais Reparos Ao Manifesto Do Sindicato Dos Bancarios* (1935), Zoroastro Ramos⁵⁶, corroborando com o Núcleo Integralista dos Bancários, fez críticas ao Manifesto promulgado pelo Sindicato dos Bancários devido ao seu cunho exageradamente anti-patronal, uma vez que o sindicato, para ele, tinha o intuito de: “dar à classe bancária um impulso que não só a tire fora do círculo da exploração patronal, que é desumana e é cruel, bem o sabemos, para inseri-la no círculo da opressão ao Patrão”⁵⁷. Embora reconheça a exploração patronal como algo presente na vida dos trabalhadores, Ramos se posiciona de maneira desfavorável ao emprego da *luta de classes* como uma ferramenta de reivindicação do operariado organizado.

Sendo assim, na visão Zoroastro Ramos, o objetivo dos sindicatos não era se “vingar” ou

⁵² AOS BANCARIOS DO BRASIL. A *Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 46, 30 mar. 1935, p. 8. Proletariado.

⁵³ AOS BANCARIOS DO BRASIL. A *Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 46, 30 mar. 1935, p. 8. Proletariado.

⁵⁴ AOS BANCARIOS DO BRASIL. A *Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 46, 30 mar. 1935, p. 8. Proletariado.

⁵⁵ AOS BANCARIOS DO BRASIL. A *Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 46, 30 mar. 1935, p. 8. Proletariado.

⁵⁶ Zoroastro Ramos foi membro do Comitê Nacional Sindical da AIB, diplomado no primeiro curso sobre sindicalismo instituído pelo Departamento Nacional Sindical em 1937 e durante a sua segunda edição assumiu o cargo de professor.

⁵⁷ RAMOS, Zoroastro. *Mais Reparos Ao Manifesto Do Sindicato Dos Bancarios*. A *Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 50, 27 abr. 1935, p. 8. Proletariado

ser promotor do “ódio de classe”⁵⁸, – mesmo que isso seja resultado imediato da opressão produzida pelo patronato durante décadas –, pois os sindicatos deveriam visar a garantia de uma unidade nacional em que o setor da produção fosse um corpo sem conflitos e equilibrado, como fica indicado no seguinte excerto:

orgãos de vida, de trabalho, de construção, palco de sentimentos nacionalistas e de intentos patrióticos. São órgãos que visam primeiro o interesse nacional de atingir, pela harmonização e colaboração de todas as classes profissionais, um plano de efectiva realização de todos os problemas que sejam uteis ao bem da vida colectiva de todas as classes que trabalham na produção do util e do bello de que se beneficia a gente do Brasil⁵⁹.

É notável que, para Ramos, a solução não era o uso de violência contra os patrões. A solução estaria na reforma integral do Estado e de seus mecanismos de representação e atuação política. Segundo Zoroastro Ramos, o “remédio” para resolver os problemas nacionais era “combater o dinheiro”⁶⁰, era “investir decididamente contra os fundamentos do Estado injusto”⁶¹, “derrubar a ordem política e econômica que se baseia no Capitalismo, hypertrophia do Capital”⁶² e “impôr a Sociedade um sentido de Justiça Integral, que não prejudique nenhuma classe, mas atenda aos direitos de todas as que trabalham e produzem no benefício da Nação”⁶³.

Apesar de Zoroastro Ramos apontar o seu descontentamento com o capitalismo ao sinalizar a sua vontade em elaborar um “novo edifício” corporativo, tanto ele como Miguel Reale pretendiam realizar isso sem desmantelar totalmente as bases do liberalismo. Para ele, a *luta de classes* “não se justifica [...] depois de sanadas as injustiças e as explorações, porque estas não autorizam, posteriormente, o exercício de explorações e injustiças como represálias às anteriormente sofridas”⁶⁴.

Contudo, Edvaldo Vieira (1981, p. 38-39) faz uma importante exclamação ao assinalar que: “igualdade de situação não sugere uniformidade de poderes e de condições humanas, mas, ao contrário, de submissão aos princípios da moral social e nacional”. Portanto, pode-se compreender

⁵⁸ RAMOS, Zoroastro. Mais Reparos Ao Manifesto Do Sindicato Dos Bancarios. A *Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 50, 27 abr. 1935, p. 8. Proletariado

⁵⁹ RAMOS, Zoroastro. Mais Reparos Ao Manifesto Do Sindicato Dos Bancarios. A *Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 50, 27 abr. 1935, p. 8. Proletariado.

⁶⁰ RAMOS, Zoroastro. Uma Outra Attitude Para O Proletario. A *Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 52, 11 maio 1935, p. 8. Proletariado.

⁶¹ RAMOS, Zoroastro. Uma Outra Attitude Para O Proletario. A *Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 52, 11 maio 1935, p. 8. Proletariado.

⁶² RAMOS, Zoroastro. Uma Outra Attitude Para O Proletario. A *Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 52, 11 maio 1935, p. 8. Proletariado.

⁶³ RAMOS, Zoroastro. Uma Outra Attitude Para O Proletario. A *Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 52, 11 maio 1935, p. 8. Proletariado.

⁶⁴ RAMOS, Zoroastro. Mais Reparos Ao Manifesto Do Sindicato Dos Bancarios. A *Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 50, 27 abr. 1935, p. 8. Proletariado.

que não há possibilidade de se fazer uma dissociação do corporativismo moderno em relação ao capitalismo, posto que não pretende pôr fim aos mecanismos de exploração dos trabalhadores ao propor o mito da uniformidade de classes sociais (burguesia e operariado) tão assimétricas por natureza (MOREIRA, 1974, p. 464-470).

Outro fator visto como um desintegrador da unidade nacional para os integralistas eram as greves proletárias. Conforme consta no artigo; *A' Margem Das Greves*, publicado na seção *Proletariado* em 1935, o Integralismo Brasileiro era “em these, contra a gréve, porque o Integralismo é contra todas as manifestações de desequilíbrio e desordem que preparam e dão origem às greves”⁶⁵.

De acordo com Zoroastro Ramos, os sindicatos não eram formulados como “armas de combate às classes contrárias”⁶⁶, em razão de que eram considerados como “órgãos ordenadores de interesses recíprocos, de patrões e operários”⁶⁷. Logo, o posicionamento contrário às greves e favorável a colaboração entre as classes firmado nas colunas de *A Offensiva* por sua elite letrada, promoveria condições vantajosas para a preservação da autonomia patronal sobre os seus empregados – algo que era combatido por aqueles adeptos de uma orientação marxista.

As “manifestações violentas de males profundos”⁶⁸ tornaram-se um sinônimo para as greves proletárias. Segundo o regime integralista abordado na seção sindical, não haveria qualquer incentivo permissivo para a composição de greves dos trabalhadores, uma vez que as suas causas não seriam permitidas, pois seria elaborado o “aparelhamento necessário para resolver dentro da engrenagem do Estado, pacificamente, todos os conflictos do Trabalho”⁶⁹. Contudo, o pacifismo ou a imobilização total da classe trabalhadora perante os seus interesses e necessidades antagônicas aos empregadores não se apresentam como realidade concreta na História do Brasil, já que

“as greves podem ser definidas como formas de luta, coerção e poder, nas quais um grupo de trabalhadores, agindo coletivamente, para de trabalhar para dar reforço a reivindicações econômicas, sociais e/ou políticas de interesse dos trabalhadores diretamente envolvidos e/ou de outros” (LINDEN, 2013, p. 203).

Embora os camisas-verdes não indiquem soluções para resolver a raiz do problema social no país, eles não condenavam completamente aquilo que denominavam de “gréves justas”⁷⁰. Essas greves tinham algum fundamento de acontecerem, segundo o entendimento integralista, uma vez que os governos liberais não apresentavam condições de “assegurar equilíbrio e justiça nas relações

⁶⁵ A' MARGEM DAS GREVES. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 35, 10 jan 1935, p. 8. Proletariado.

⁶⁶ RAMOS, Zoroastro. *Syndicalização De Funcionarios Publicos*. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 44, 16 mar 1935, p. 8. Proletariado.

⁶⁷ RAMOS, Zoroastro. *Syndicalização De Funcionarios Publicos*. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 44, 16 mar 1935, p. 8. Proletariado.

⁶⁸ A' MARGEM DAS GREVES. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 35, 10 jan 1935, p. 8. Proletariado.

⁶⁹ A' MARGEM DAS GREVES. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 35, 10 jan 1935, p. 8. Proletariado.

⁷⁰ A' MARGEM DAS GREVES. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 35, 10 jan 1935, p. 8. Proletariado.

de Trabalho”⁷¹, assim como a sua incapacidade de obrigar patrões e operários a encarar a questão social pelo “ponto de vista do interesse nacional”⁷².

De acordo com Zoroastro Ramos, a posição miserável que o regime liberal de “compressões domésticas”⁷³ e “esmagamentos de necessidades primaríssimas”⁷⁴ em que os trabalhadores eram colocados, tornava-se a base ideal para o fomento de “ninho de greves e de tenebrosas conspirações que vivem a enfraquecer o organismo anêmico da Pátria”⁷⁵, ou seja, a arrefecer a unidade nacional.

Contudo, apesar de Ramos se apropriar em sua escrita das necessidades e da disposição por mudanças políticas das camadas populares, Clara Zetkin (2019, p. 78-79) nos alerta que movimentos autoritários à direita flertaram em algum nível com as reivindicações do proletariado revolucionário durante o seu período de efervescência e insurreição, mas – ao eleger o caso italiano como exemplo –, ela aponta que “após o capitalismo ter sido reafirmado e a burguesia retomar uma ofensiva geral, o fascismo posicionou-se firmemente ao lado da burguesia, um compromisso mantido por seus líderes desde o início” (ZETKIN, 2019, p. 78).

Em *Festa do Trabalho* (1935), Zoroastro Ramos realiza uma ofensiva contra os comunistas ao abordar o que chama de histeria comunista ao brigarem, discutirem e acusarem, sem apresentar “de maneira eficiente, a união de todas as classes trabalhistas”⁷⁶, e sem proporcionar a solução e “os fundamentos nítidos daquilo que deve nortear-lhes as reivindicações”. Em seguida, Ramos irá afirmar que a *luta de classes* não tem funcionalidade efetiva para o operariado que anseia por mudanças político-econômicas:

O operario não se interessa em brigar com o patrão senão porque julga que só assim objetivará os seus direitos conspurcados. Mas essa atitude de luta contra o patrão vem sendo seguida há muito tempo, e no emtanto continua havendo injustiça e opressão aos trabalhadores. Prova de que o remédio para o mal é bem diferente.⁷⁷

Para Zoroastro Ramos a luta da classe trabalhadora pela conquista de seus direitos trabalhistas através do uso da força e violência era uma prática ineficaz, pois não haveria alternativa aos trabalhadores se não fosse pela solução pregada pelo corporativismo integral, uma vez que o

⁷¹ A’ MARGEM DAS GREVES. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 35, 10 jan 1935, p. 8. Proletariado.

⁷² A’ MARGEM DAS GREVES. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 35, 10 jan 1935, p. 8. Proletariado.

⁷³ RAMOS, Zoroastro. Salarios E Vencimentos. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 42, 28 fev 1935, p. 8. Proletariado.

⁷⁴ RAMOS, Zoroastro. Salarios E Vencimentos. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 42, 28 fev 1935, p. 8. Proletariado.

⁷⁵ RAMOS, Zoroastro. Salarios E Vencimentos. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 42, 28 fev 1935, p. 8. Proletariado.

⁷⁶ RAMOS, Zoroastro. Festa do Trabalho. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, N. 51, 4 maio 1935, p. 8. Proletariado

⁷⁷ RAMOS, Zoroastro. Festa do Trabalho. *A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, N. 51, 4 maio 1935, p. 8. Proletariado.

patronato fora do Estado corporativo integral encontraria formas de subverter essas conquistas ao seu favor. Essa visão do autor fica evidente no seguinte fragmento:

“[...] Exagerando se essa tática poderíamos arrancar do empregador pelo medo que lhe mettessemos, um aumentosinho de salario, uma diminuição de horas de serviço. Mas o empregador, que é o homem do dinheiro, e nunca se deixa vencer, não iria perder esses nácos de lucro que o proletario lhe tomasse pelo terror das descomposturas e das ameaças extremistas. Elle muito mansamente poria os seus pausinhos a mexer, e de uma hora para a outra o preço dos generos subiria, absorvendo o aumentosinho de salario, e levando mais uma boa parte deste, enquanto que a machina, contractada a granel iria dispensando o operario que obtivera do “favor” patronal o direito de trabalhar menos horas por dia” (RAMOS, 1935e, p. 8).

Contudo, o olhar restrito de Ramos sobre a *luta de classes* revela a falta de compreensão sobre o objetivo final da mobilização operária organizada para o marxismo: a revolução do proletariado. Para isso, segundo Florestan Fernandes, não basta conquistar os direitos trabalhistas oriundos da democracia liberal burguesa, os trabalhadores devem crescer com a “consciência de que tem de tomar tudo com as próprias mãos” (FERNANDES, 2018, p. 16) para ser possível uma “democracia da maioria, isto é, uma democracia popular ou operária” (FERNANDES, 2018, p. 16).

Desse modo, a democracia popular visada pelos marxistas revolucionários era antagônica à democracia orgânica contida nas colunas da seção *Proletariado*. Ademais, é importante salientar que o “ódio do industrialismo” não é uma ação direta desmedida do operariado contra os seus empregadores, posto que isso é produto de acordos regados a violência entre o patronato e órgãos de repressão do Estado burguês em oposição a classe trabalhadora, principalmente, durante as primeiras décadas da Primeira República no Brasil (GOMES, 2005, p. 61-62).

A direção de *A Offensiva* não apenas convidou intelectuais letrados da AIB para fazer colaborações nas suas linhas da seção sindical do periódico na primeira fase. Houve também um terceiro colaborador em *Proletariado*, integrante da Câmara dos Quatrocentos do movimento integralista e operário desligador de luz da empresa *Light*, Alfredo Peres⁷⁸.

O primeiro artigo em que aparece Peres nesta seção foi publicado em novembro de 1934 e recebeu o título de *A Denuncia do Chefe*. Nesta publicação, Alfredo Peres oferta um depoimento como um jovem trabalhador que iniciou a sua jornada nos mundos do trabalho aos dezessete anos na *Light*⁷⁹. A escolha do seu testemunho feita pelo redator da seção foi para contemplar o discurso realizado por Plínio Salgado dias antes a respeito do “crime da Dictadura no que concerne à questão

⁷⁸ Nucleo Integralista dos Trabalhadores da Light. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 60, 6 jul 1935, p. 12. *Proletariado*.

⁷⁹ PERES, Alfredo. A Denuncia Do Chefe: Depoimento de um operario. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 28, 22 nov 1934, p. 6. *Proletariado*.

proletária no Brasil”⁸⁰.

Em seu depoimento, Alfredo Peres se arma de um teor anticomunista e chauvinista para confrontar o operariado estrangeiro que habitava o país nas primeiras décadas do século XX ao anunciar que estava sendo desencadeado um “golpe contra [...] a nacionalidade”⁸¹. Os acusados deste suposto golpe eram os estrangeiros, apontados como aqueles que propagavam as palavras do anarquismo e, principalmente, do comunismo no Brasil no interior dos sindicatos⁸². Isso pode ser observado no trecho a seguir:

Homens que se batiam ardorosamente nas famosas lutas Julio Prestes contra Getulio Vargas vivaram João Pessoa e Washington Luís, viram-se num repente envolvidos pelas ondas vermelhas dos Soviets. Estrangeiros timidos, que falavam medrosamente á frente dos brasileiros e enguliam insultos como pilulas doces, se fizeram propagandistas fervorosos dos crédos marxistas (PERES, 1934a, p. 6).

A visão de Alfredo Peres sobre o corporativismo integral a ser adotado pela AIB aparece pela primeira vez no artigo *A força operaria*, publicado em dezembro de 1934. Para Peres, o proletariado deveria representar uma força, “não uma força de domínio (theoria comunista) ou uma força de desordem (liberal-democracia); mas uma força de equilíbrio”⁸³. Esta força de equilíbrio mencionada pelo operário da *Light* apenas ocorreria na sociedade por meio da “harmonia e colaboração das classes”⁸⁴ e através de uma organização sindical aos moldes do corporativismo integral, conforme mostra o seguinte excerto:

O Integralismo uma vez que é corporativista é também syndicalista. O syndicato é uma das suas instituições. Mas, no Integralismo, o syndicato ganha em atribuições o que perde em anarchia. Sendo um conjucto de brasileiros elle terá um directiva brasileira. Não contraminará o Estado, pois será parte integrante do Estado. Delle partirá o governo, as representações legisladoras, os valores technicos. Os syndicatos apresentarão candidatos ás corporações e Camaras Professionaes. Entrementes cuidarão da assistencia social, dos interesses economicos, das actividades aportivas e culturaes do seus associados. Havendo no Integralismo relativa socialização das industrias ou seja interesse monetario dos operarios nos lucros das empresas, os syndicatos exercerão vigilancia severissima. Elles irão na defesa dos associados aos Tribunaes do Trabalho. E muita cousa que é no regimen actual uma macaqueação indecente, ganhará no Integralismo effectivação absoluta com a sua integração na realidade brasileira⁸⁵ (PERES, 1935b, p. 8).

⁸⁰ PERES, Alfredo. A Denuncia Do Chefe: Depoimento de um operario. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 28, 22 nov 1934, p. 6. Proletariado.

⁸¹ PERES, Alfredo. A Denuncia Do Chefe: Depoimento de um operario. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 28, 22 nov 1934, p. 6. Proletariado.

⁸² PERES, Alfredo. A Denuncia Do Chefe: Depoimento de um operario. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 28, 22 nov 1934, p. 6. Proletariado.

⁸³ PERES, Alfredo. A força operaria. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 32, 20 dez 1934, p. 8. Proletariado.

⁸⁴ PERES, Alfredo. Os grupos profissionaes e sua finalidade. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 81, 30 nov 1935, p. 9. Proletariado.

⁸⁵ PERES, Alfredo. A missão multipla dos syndicatos no regimen integralista. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 46, 30 mar 1935, p. 8. Proletariado.

Todavia, essa tentativa de reformar a forma de representação política das classes sociais no Estado brasileiro por intermédio da implantação de corporações de cunho fascista, se manifesta como incapaz de alcançar as reivindicações do proletariado explorado. De acordo com Daniel Guérin (2021, p. 209), essa incapacidade se apresenta pelo temor que os empregadores sentem das organizações operárias no Estado integral extrapolarem a sua função de controle e vigilância do operariado e, assim, fazerem ressurgir, sob outro prisma, o sindicalismo de classe. Sendo assim, o patronato recorreria a repressão contra os trabalhadores, exigindo a depuração de “cima a baixo (d)o aparelho das organizações “operárias” fascistas” (GUÉRIN, 2021, p. 209), fazendo com que “até o último vestígio de luta de classes seja estirpado” (GUÉRIN, 2021, p. 209) das relações sociais no país.

Em *Os grupos profissionais e as sua finalidade* (1935), Alfredo Peres relata a respeito de uma greve de trabalhadores da ferrovia em Minas Gerais, “tramada por elementos perturbadores e despedidos de ideia”⁸⁶ e impedida pelo grupo profissional integralista de ferroviários em Leopoldina, liderado por Alfredo Silva, em outubro de 1935. Embora não aponte diretamente a sua posição nas colunas da seção sindical em relação à organização de greves pelo proletariado⁸⁷, Peres indica aos seus leitores que os camisas-verdes deveriam operar como “uma só cabeça, um só pensamento”⁸⁸. Isso denota como a sua visão de corporativismo integral também se fundamenta na garantia da unidade nacional.

Os grupos profissionais integralistas, segundo Alfredo Peres, através da sua “arregimentação e [...] disciplina”⁸⁹, tinham a função estratégica de facilitar a “tomada dos sindicatos das mãos mercenárias dos bolchevistas”⁹⁰ à frente dos seus principais cargos de liderança. Para ele, a “libertação das pequenas classes está no progresso da sua cultura intelectual”⁹¹ e, por isso, o operariado se tornando “relativamente culto”⁹² estaria mais próximo de uma formação política do Integralismo, na qual acreditava que solidariedade de classe estaria vinculada ao “sentido

⁸⁶ PERES, Alfredo. Os grupos profissionais e sua finalidade. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 81, 30 nov 1935, p. 9. Proletariado.

⁸⁷ Apesar de Zoroastro Ramos em *Proletariado* não apresentar uma posição bem definida, fora dessa seção sindical em seu artigo *A greve*, publicado em 20 de julho de 1935, em *A Offensiva*, ele definitivamente assinala a sua posição de que o operariado deveria ser decididamente contra as greves agitadas por comunistas.

⁸⁸ PERES, Alfredo. Os grupos profissionais e sua finalidade. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 81, 30 nov 1935, p. 9. Proletariado.

⁸⁹ PERES, Alfredo. Os grupos profissionais e sua finalidade. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 81, 30 nov 1935, p. 9. Proletariado.

⁹⁰ PERES, Alfredo. Os grupos profissionais e sua finalidade. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 81, 30 nov 1935, p. 9. Proletariado.

⁹¹ PERES, Alfredo. Os grupos profissionais e sua finalidade. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 81, 30 nov 1935, p. 9. Proletariado.

⁹² PERES, Alfredo. Os grupos profissionais e sua finalidade. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 81, 30 nov 1935, p. 9. Proletariado.

de conciliação de crescimento esforçado, de antagonismo às violências estéreis”⁹³ pregadas, a sua visão, por seus inimigos.

Portanto, é notável a construção de uma tática doutrinária alternativa dos integralistas que funcionasse paralelamente a sua disputa interna com as lideranças comunistas no âmago dos sindicatos e associações de classe no Brasil. Segundo Armando Boito Jr., esse “cerco de massa às direções dos partidos e das associações reivindicativas dos trabalhadores” (BOITO JR., 2021, p. 27) foi uma imposição feita pelas ditaduras fascistas no entreguerras ao movimento operário e popular.

De acordo com a alegação de Peres, essa infiltração integralista nos sindicatos causou um efeito de repulsa do Integralismo por parte dos líderes sindicais, como um caso registrado em Petrópolis, no Rio de Janeiro, em que acusavam um presidente comunista de um sindicato pela expulsão de operários integralistas de uma fábrica⁹⁴. Ademais, segundo ele, também houve uma grande resistência de muitos de seus companheiros de profissão em aderirem aos grupos profissionais integralistas⁹⁵, como pode ser visto no apelo feito pelo Grupo Profissional Integralista dos Trabalhadores da *Light* em *A Offensiva* a aqueles que não estavam cumprindo com suas obrigações expressas por Plínio Salgado:

Alguns companheiros que compõem este grupo profissional, têm encontrado nos escritórios e nas oficinas, vários integralistas que têm negligenciado em fazer parte desta organização classista-doutrinária. Afirmamos a estes companheiros que os grupos profissionais, inclusive o dos Trabalhadores da Light, são de criação autorizada pelo Chefe Nacional e appellamos, dado isso, para que cumpram um dever a que estão obrigados e procurem conhecer as finalidades de taes grupos. Quanto mais, que devido á dualidade syndical existente hoje em dia na Light e a repulsa que grande numero de trabalhadores tem em pertencer a ambos os sindicatos, o Grupo Profissional dos Trabalhadores da Light poderá, dentro em breve, tornar-se o syndicato ideal de todos os trabalhadores da empresa. Procure na rua Affonso Cavalcante n. 174, o companheiro Alfredo Peres — Chefe do Grupo — à noite, dê preferência às terças feiras (*A Offensiva*, 1935i, p. 5).

Dessa maneira, fica evidente que os camisas-verdes tiveram que enfrentar difíceis obstáculos para adentrar o campo sindical no país, o que explica o seu baixo sucesso entre o proletariado durante o período de 1934 a 1935. No levantamento de dados realizado na seção *Proletariado* referente à infiltração de integralistas em número ou em altos cargos dos sindicatos ou associações de classe ficaram restritos à presença de dois presidentes integralistas de sindicatos,

⁹³ PERES, Alfredo. Os grupos profissionaes e sua finalidade. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 81, 30 nov 1935, p. 9. Proletariado.

⁹⁴ PERES, Alfredo. Dous Processos. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 56, 29 jun. 1935, p. 12. Proletariado.

⁹⁵ PERES, Alfredo. Os grupos profissionaes e sua finalidade. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 81, 30 nov. 1935, p. 9. Proletariado.

Affonso de Lima Soares, presidente da União dos Empregados em Hotéis, Restaurantes e Congêneres do Rio de Janeiro⁹⁶ e Jeová Motta, presidente União Beneficente dos Motoristas Brasileiros⁹⁷, e de quase quatrocentos operários no núcleo do Espírito Santo, da Província da Guanabara⁹⁸.

Tendo em vista esse cenário sindical desfavorável aos seus interesses, os dirigentes integralistas do jornal *A Offensiva* ao observar a necessidade de investirem mais na seção sindical do jornal, transformando o seu nome para *Página Sindical* e ampliando o seu espaço ocupado para uma página inteira, a partir da edição n. 83. Nesta edição publicada em 14 de dezembro de 1935, o chefe dos camisas-verdes Plínio Salgado anuncia uma ordem expressa aos adeptos da doutrina integralista de que possuíam o dever de intervir nas atividades da vida sindical e disputar as posições de lideranças dentro dos sindicatos contra os comunistas, conforme indica na passagem a seguir:

O objectivo dos comunistas, lutando para se assenhorearem da direcção dos sindicatos é "tapear" os trabalhadores, através da mais deslavada demagogia, afim de lhes captar a sympathia e conduzir suas forças no rumo da escravização que lhes será imposta no regimen do capitalismo sovietico. Ora, sendo assim, os integralistas [...] devem não descançar também na luta pela conquista das posições nos sindicatos. Cada Integralista tem a sua actividade profissional; Se não é syndicalizado, que se syndicalize. Se pertence a um syndicato, que frequente suas reuniões, que exerça sua actividade, que se aglutine, não só com os integralistas que estiverem dentro do syndicato, mas como com todos aquellos que forem anti-comunistas. E' esse, aliás, o processo e a tactica bolchevista (SALGADO, 1935, p. 7).

Com a intensificação do combate do governo federal contra os grupos políticos participantes da Revolta Comunista de 1935, a AIB compreendeu que o ano de 1936, que ficou conhecido como Ano Verde, era o momento de ampliar a estrutura organizativa do partido, a sua propaganda doutrinária e as fileiras do *Sigma*⁹⁹. Sendo assim, a questão sindical também ganhou mais relevância, inclusive fora do periódico analisado. Prova disso foi o comunicado realizado por Jeová Motta neste ano, nas colunas da *Página Sindical*, de que seria realizada a primeira Convenção Sindical Integralista¹⁰⁰. Em suas palavras, Motta aponta que o espírito corporativista em que a convenção foi coordenada, reflete a disputa que o Integralismo pretendia empregar nas diversas

⁹⁶ Federação N. dos Trabalhadores em Hoteis, Restaurantes e Congeneres do Brasil. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 39, 7 fev. 1935, p. 8. Proletariado.

⁹⁷ O aniversario da fundação da União Beneficente dos Motoristas Brasileiros. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 50, 27 abr. 1935, p. 8. Proletariado.

⁹⁸ O 11 DE JUNHO NO NUCLEO ESPIRITO SANTO DA PROVINCIA DA GUANABARA: Discurso pronunciado pelo operario Alfredo Peres. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 58, 15 jun 1935, p. 5. Proletariado.

⁹⁹ Segundo o diretor de estatísticas da AIB Alfredo Chrispim, até o dia 31 de dezembro de 1936 foram contabilizados 3.071 núcleos integralistas e 918 mil inscritos nas fileiras do Integralismo Brasileiro. Ver em: CHRISPIM, Alfredo. Mappa dos Nucleos da A. I. B. em 31 de dezembro de 1936. *Monitor Integralista*. Rio de Janeiro, ano V, n. 17, 20 fev 1937, p. 4.

¹⁰⁰ MOTTA, Jehovah. Convenção Syndical Integralista. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano III, n. 89, 25 jan 1936, p. 7.

frentes de organização dos trabalhadores para a construção de uma sólida unidade nacional, conforme mostra o seguinte excerto:

[...] os integralistas não poderão deixar de tomar posição de vanguarda em todas as lutas que visem organizar o operariado, instruí-lo, e enquadrá-lo dentro da comunhão nacional liberta e robustecida. Os comunistas mentem quando dizem que somos contra o sindicato. Mentem ainda quando dizem que escravizamos o operariado. Os burgueses se iludem quando pensam que combatemos o comunismo pelos motivos interesseiros pelos quais eles se batem. Ainda se enganam quando pensam que nós surgimos para defender a sua civilização bichada e agonizante. E' com esse espírito que o Integralismo organizou e realizará a sua Convenção Syndical.¹⁰¹

No âmbito da seção sindical de *A Offensiva*, com a sua transformação em *Página Syndical* a partir de 14 dezembro de 1935, as manchetes em destaque acima do título da seção a questão sindical recebe uma maior importância, uma vez que há uma convocatória explícita para que os camisas-verdes ocupem os sindicatos vinculados às suas profissões, como pode ser visto nos exemplos a seguir: “Os Integralistas Devem ir Para os Sindicatos Onde Melhor Poderão Defender Honesta e Desassombradamente os Interesses dos Trabalhadores”¹⁰²; “Todos Devem Fazer do Seu Sindicato Uma Arma Nobre na Luta Pela Justiça Social!”¹⁰³; O “Camisa Verde” Que Estiver Fora do Seu Sindicato Não Está Cumprindo o Seu Dever!”¹⁰⁴.

Tendo isso em vista, eles assentaram no sindicalismo a possibilidade de firmar um novo caminho com destino a instituição das bases político-doutrinárias do corporativismo no país: “sindicalismo só preenche os seus fins próprios quando continuando até o corporativismo, onde se agrupam todas as feições sindicalistas dos problemas nacionais, e onde, afinal, ganham unidade e harmonia as questões sociais da Pátria”¹⁰⁵.

Desse modo, fica nítido a tomada de posição dos colaboradores desta seção sindical a favor de um corporativismo integralista mais próximo ao fascista, em que o comunismo e as suas táticas de organização sindical eram compreendidos como um fator fundamentalmente promotor da desintegração da unidade nacional no Brasil e, portanto, deveria ser combatido como o principal inimigo da AIB. Para isso, era necessário construir estratégias para a disputa pelos trabalhadores, integralistas ou não, tanto internas como externas às associações de classe ou sindicatos, onde a predominância das lideranças ou integrantes eram adeptos da ideologia voltada à esquerda radical.

¹⁰¹ MOTTA, Jehovah. Convenção Syndical Integralista. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano III, n. 89, 25 jan 1936, p. 7.

¹⁰² *A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, n. 84, 21 dez. 1935, p. 7. Página Syndical.

¹⁰³ *A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, n. 86, 04 jan. 1936, p. 7. Página Syndical.

¹⁰⁴ *A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, n. 87, 11 jan. 1936, p. 7. Página Syndical.

¹⁰⁵ Sindicalismo corporativista. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 51, 4 maio 1935n, p. 8. Proletariado.

Considerações finais

Tendo em vista o avanço de partidos e movimentos de extrema-direita no continente asiático, europeu e americano, as pesquisas voltadas a compreender o anticomunismo se tornam necessárias para a nossa atualidade. Retomar o contexto dos anos 1930 no Brasil se mostra importante, ainda mais se a investigação histórica pretende ser feita está relacionada com o Integralista Brasileiro, a principal e a maior organização brasileira de extrema-direita do século XX no país. Desse modo, o presente artigo procurou evidenciar como o projeto corporativista contido no jornal *A Offensiva*, dando ênfase em sua seção sindical intitulada *Proletariado*, apontava o comunismo como o seu principal inimigo e promotor da desintegração da unidade nacional do Brasil.

Ficou evidente que a corrente do pensamento corporativista de viés integralista presente na primeira fase do jornal estava relacionada, sobretudo, à figura de Miguel Reale e encontrava no fascismo italiano a sua inspiração. Contudo, é essencial assinalar as contribuições dos também integralistas, o professor Zoroastro Ramos e o operário desligador da *Light* Alfredo Peres, para o debate a respeito dessa temática no periódico, uma vez que revela a relevância de dois colaboradores da seção sindical de *A Offensiva* ainda pouco estudados nos estudos do Integralismo.

O corporativismo exposto nas páginas sindicais do jornal demonstrou o comunismo como uma ameaça latente à construção do Estado Integral idealizado pelos seus colaboradores em que não haveria espaço para crises, cisões ou luta de classes, que se levada às últimas consequências, configura uma gritante contradição entre capital e trabalho, que, ao ser superada, daria origem a uma sociedade sem classes. Sendo assim, os trabalhadores deveriam ser tutelados por essa doutrina político-econômica para se tornarem sujeitos obedientes e disciplinados na educação promovida, de forma mental, física e comportamental, pela elite dirigente da Ação Integralista Brasileira para que pudessem se esquivar do comunismo e se tornarem o espelho de um Homem Integral.

Portanto, o corporativismo apresentado acima, em contraposição ao comunismo, pretendia construir um mito de representação política dos trabalhadores como protagonistas da solução à questão social do país, uma vez que o protagonismo seria transferido para o corpo do Estado Integral mediador e os meios de produção e a propriedade privada continuariam sob o controle da burguesia industrial. Dessa maneira, promoveria o engessamento da mobilização sindical do operariado a ponto de diminuir ainda mais ou eliminar a sua participação na gestão fabril. Isso revela a impossibilidade da formulação de uma unidade nacional baseada numa harmonia social plena, visto que é impossível o controle total de conflitos interclasses em uma sociedade estruturada pela exploração capitalista.

A vista do surgimento de pesquisas históricas e trabalhos publicados a respeito da atuação dos integralistas nos sindicatos e associações de classe durante a década de 1930. Para assim entendermos como foi a atuação da AIB no interior dessas organizações e na relação construída com a classe trabalhadora, além de captarmos os mecanismos de agenciamento utilizados entre os trabalhadores e as alternativas construídas para enfraquecer a propaganda comunista dentro dos sindicatos e entidades de classe.

Fontes

- AGITAÇÕES ENTRE OS BARBEIROS. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 25, 1 nov. 1934, p. 6. Proletariado.
- A GREVE DOS OPERARIOS DA FABRICA DE BANGÚ. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 24, 25 out. 1934, p. 6. Proletariado.
- A' MARGEM DAS GREVES. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 35, 10 jan 1935, p. 8. Proletariado.
- A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano I, n. 13, 09 ago. 1934, p. 8.
- A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano I, n. 53, 18 maio 1935, p. 1.
- A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, n. 61, 13 jul. 1935, p. 8.
- A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, n. 83, 14 dez. 1935, p. 4.
- A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, n. 84, 21 dez. 1935, p. 7. Pagina Syndical.
- A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, n. 86, 04 jan. 1936, p. 3.
- A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, n. 86, 04 jan. 1936, p. 7. Pagina Syndical.
- A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, n. 87, 11 jan. 1936, p. 7. Pagina Syndical.
- A OFFENSIVA*. Rio de Janeiro, ano II, n. 89, 25 jan. 1936, p. 1.
- A OFFENSIVA DIARIA. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 88, 18 jan. 1936, p. 10.
- AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Manifesto de 07 de Outubro de 1932*, 1932.
- AOS BANCARIOS DO BRASIL. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 46, 30 mar. 1935, p. 8. Proletariado.
- ASHAVERUS DO TRABALHO. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 54, 25 maio 1935, p. 4. Proletariado.
- CARULLA, Juan E. Bandera Argentina: Diario Nacionalista. Buenos Aires, 3 abr 1937. Secretaria Nacional de Relações com o Exterior.
- CHALOCHE, Pierre. As Corporações Modernas. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 13, 09 ago. 1934, p. 6. Proletariado.
- CHRISPIM, Alfredo. Mappa dos Nucleos da A. I. B. em 31 de dezembro de 1936. Monitor Integralista. Rio de Janeiro, ano V, n. 17, 20 fev 1937, p. 4;
- COLLEÇÕES DE A OFFENSIVA. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 86, 4 jan. 1936, p. 9.

FEDERAÇÃO N. DOS TRABALHADORES EM HOTEIS, RESTAURANTES E CONGENERES DO BRASIL. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 39, 7 fev. 1935, p. 8. Proletariado.

GRUPO INTEGRALISTA DOS TRABALHADORES DA LIGHT. *A Offensiva*. ano II, n. 74, 12 out 1935, p. 5.

MOTTA, Jehovah. Convenção Syndical Integralista. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano III, n. 89, 25 jan 1936, p. 7.

NUCLEO INTEGRALISTA DOS TRABALHADORES DA LIGHT. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 60, 6 jul 1935, p. 12. Proletariado.

O 11 DE JUNHO NO NUCLEO ESPIRITO SANTO DA PROVINCIA DA GUANABARA: Discurso pronunciado pelo operario Alfredo Peres. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 58, 15 jun 1935, p. 5. Proletariado.

O ANIVERSARIO DA FUNDAÇÃO DA UNIÃO BENEFICIENTE DOS MOTORISTAS BRASILEIROS. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 50, 27 abr. 1935, p. 8. Proletariado.

O. C. MAIS DEPRESSA SE APANHA UM MENTIROSO. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 51, 4 maio 1935, p. 8. Proletariado.

PERES, Alfredo. A Denuncia Do Chefe: Depoimento de um operario. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 28, 22 nov 1934, p. 6. Proletariado.

PERES, Alfredo. A força operaria. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 32, 20 dez 1934, p. 8. Proletariado.

PERES, Alfredo. A gréve. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 62, 20 jul 1935, p. 12.

PERES, Alfredo. A missão multipla dos sindicatos no regimen integralista. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 46, 30 mar 1935, p. 8. Proletariado.

PERES, Alfredo. Dous Processos. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 56, 29 jun 1935, p. 12. Proletariado.

PERES, Alfredo. Os grupos profissionaes e sua finalidade. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 81, 30 nov 1935, p. 9. Proletariado.

RAMOS, Zoroastro. Festa do Trabalho. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, N. 51, 4 maio 1935, p. 8. Proletariado.

RAMOS, Zoroastro. Mais Reparos Ao Manifesto Do Sindicato Dos Bancarios. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 50, 27 abr. 1935, p. 8. Proletariado.

RAMOS, Zoroastro. Salarios E Vencimentos. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 42, 28 fev 1935, p. 8. Proletariado.

RAMOS, Zoroastro. Syndicalização De Funcionarios Publicos. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 44, 16 mar 1935, p. 8. Proletariado.

RAMOS, Zoroastro. Uma Outra Attitude Para O Proletario. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 52, 11 maio 1935, p. 8. Proletariado.

REALE, Miguel. A Lição da Italia. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 24, 25 out. 1934, p. 6. Proletariado.

REALE, Miguel. A Grande Guerra E O Proletariado. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 20, 27 set. 1934, p. 6. Proletariado.

REALE, Miguel. A Nova Organização Syndical. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 11, 26 jul.

1934, p. 6. Proletariado.

REALE, Miguel. Legislação Social. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 5, 14 jun. 1934, p. 7. Proletariado.

REALE, Miguel. O Corporativismo Integralista. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 65, 10 ago. 1935, p. 1.

REALE, Miguel. Posição do Proletariado. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 17, 6 set. 1934, p. 6. Proletariado.

REALE, Miguel. Sindicato De Funções Obrigatorias. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 12, 02 ago 1934, p. 6. Proletariado.

REALE, Miguel. Unidade Syndical. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, 07 jun. 1934, p. 7. Proletariado.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 54, 25 maio 1935, p. 12.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 78, 09 nov. 1935, p. 12.

SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1934.

SALGADO, Plínio. O Chefe Nacional fala aos operarios trabalhadores do Brasil. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, N. 83, 14 dez. 1935, p. 7.

SALGADO, Plínio. Perante o Tribunal da História. In: SALGADO, Plínio (org.). *Paginas de combate*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1937.

SALGADO, Plínio. Revolução Integralista. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 17 maio 1934, p. 1.

SIGMA - JORNAES - REUNIDOS: 88 jornaes conjugados no maior consórcio jornalístico da America do Sul. *A Offensiva*. Rio de Janeiro. ano II, n. 73, 05 out. 1935, p. 6.

SYNDICALISMO CORPORATIVISTA. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano II, n. 51, 4 maio 1935, p. 8. Proletariado.

SYNDICALISMO DETURPADO. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 17 maio 1934, p. 7. Proletariado.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. Plínio Salgado e o anticomunismo dos Intelectuais do Sigma. In: RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson Rodrigues (orgs.). *Intelectuais & comunismo no Brasil: 1920-1950*. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

BERTONHA, João Fabio. *Plínio Salgado: Biografia Política (1895-1975)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

BERTONHA, João Fábio. O pensamento corporativo em Miguel Reale: leituras do fascismo italiano no integralismo brasileiro. *Revista Brasileira de História*, v. 33, n. 66, p. 269-286, 2013.

BOITO Jr., Armando. O lugar do conceito de fascismo na teoria marxista do Estado. *Crítica Marxista*, n. 53, p. 11-32, 2021.

CALIL, Gilberto. Os integralistas frente ao Estado Novo: euforia, decepção e subordinação. *Locus*. Juiz de Fora, v. 30, n. 1, 2010.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris. Jornais Nacionais. In: _____ (orgs.). *A Imprensa confiscada pelo Deops: 1924-1954*. Série Labirintos da Memória. São Paulo: Ateliê Editorial. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Arquivo do Estado, 2003.

DE LUCA, Tania Regina. Fontes Impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 111-154.

FERNANDES, Florestan. O que é revolução? 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

GARRIDO, Álvaro. O corporativismo na História e nas Ciências Sociais - uma reflexão crítica partindo do caso português. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 387-408, maio-ago, 2016.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. Estado Novo: ambiguidades e heranças do autoritarismo no Brasil. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2010, p. 35-70.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. O corporativismo e a tríade integralista: Miguel Reale, Plínio Salgado e Gustavo Barroso. In: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCCHI, Marco Aurélio (orgs.). *Corporativismos ibéricos e latino-americanos*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2019.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

GUÉRIN, Daniel. *Fascismo e grande capital*. Tradução: Lara Christina de Malimpensa. Campinas: Editora da UNICAMP, 2021.

HALL, Michael M. Corporativismo e fascismo: as origens das leis trabalhistas brasileiras. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro (org.). *Do corporativismo ao neoliberalismo: Estado e trabalhadores no Brasil e na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 13-28.

LINDEN, Marcel van der. *Trabalhadores do mundo: ensaios para uma história global do trabalho*. Tradução: Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

LÖWY, Michael. Extrema direita e neofascismo: um fenômeno planetário: o caso Bolsonaro. In: FARIA, Fabiano Godinho; MARQUES, Mauro Luiz Barbosa (orgs.). *Giros à direita: análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador*. Sobral: Sertão Cult, 2020.

MANOILESCO, Mihail. Prefácio do Autor. In: MANOILESCO, Mihail. *O Século do Corporativismo: Doutrina do corporativismo integral e puro*. Tradução: Azevedo Amaral. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938.

MOREIRA, Vital. Corporativismo: Tradição Cultural e Poder Político. *Vértice*, Coimbra, v. 24, n. 365-366, jun.jul, 1974.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "Perigo Vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (orgs.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Volume 1. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 19-46.

- PINTO, António Costa. O corporativismo nas ditaduras da época do Fascismo. *Varia História*: Belo Horizonte, v. 30, n. 52, 2014.
- RAMOS, Vinícius da Silva. *Páginas Verdes De Uma Imprensa Marrom*. São Paulo: Editora Raízes da América, 2019.
- REALE, Miguel. O Estado Moderno: Liberalismo, Fascismo, Integralismo. In: _____. *Obras Políticas (1. fase – 1931/1937)*. Brasília: Editora UnB, 1983, Tomo II, pp 5-168.
- ROSA NETO, Júlio Bueno. *Corporativismo em páginas verde: A Offensiva, os trabalhadores e os inimigos do Sigma (1934-1935)*. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Curso). – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 154 f. 2021.
- SIMÕES, Renata Duarte; GONÇALVES, Leandro Pereira. A Propaganda no Jornal *A Offensiva*. In: VICTOR, Rogério Lustosa (org.). *À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011. p. 97-115.
- SIMÕES, Renata Duarte; GONÇALVES, Leandro Pereira. A Propaganda no Jornal *A Offensiva*. In: VICTOR, Rogério Lustosa (org.). *À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011.
- SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. v. 1. Guaíba: Sob Medida, 2011.
- TOLEDO, Edilene. Do sindicalismo revolucionário ao fascismo: Edmondo Rossoni e a construção do corporativismo na Itália. In: CAZETTA, Felipe (org.). *Direitas, ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Eulim, 2021, p. 126-164.
- TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016.
- VIEIRA, Evaldo. *Autoritarismo e corporativismo no Brasil: Oliveira Vianna e o estado corporativo*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1981.7
- ZETKIN, Clara. *Como nasce e morre o fascismo*. Tradução: Eli Moraes. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

Recebido em: 10.04.2023

Aprovado em: 22.09.2023